



INÉS BORTAGARAY

um,
dois
e já

151

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



INÉS BORTAGARAY

**um,
dois
e já**

TRADUÇÃO Miguel Del Castillo

Meu avô costumava dizer:

— A vida é espantosamente curta. Para mim ela agora se contrai tanto na lembrança que eu por exemplo quase não compreendo como um jovem pode resolver ir a cavalo à próxima aldeia sem temer que – totalmente descontados os incidentes desditosos – até o tempo de uma vida comum que transcorre feliz não seja nem de longe suficiente para uma cavalgada como essa.

FRANZ KAFKA, “A próxima aldeia”, 1917

VEJO UM POSTE QUE PASSA E VAI EMBORA ATÉ que vejo outro poste que passa e vai embora, mas nunca totalmente, porque na ida deixa um rastro. O rastro é o poste em movimento, o poste corrido, varrido, que continua numa fileira de postes-fantasmas de pé entre poste e poste verdadeiro. O verdadeiro segue na forma de vários fantasmas até que outro verdadeiro anuncia que há algo real, afinal de contas. Amanhece. Às vezes no alto de um poste há um ninho de João-de-Barro. É a interrupção do ritmo sequencial de postes. Entre um e outro (entre poste e poste) há fios: eletricidade. Fios pretos e tensionados no alto, desenhando uma partitura de linhas que sobem e descem, como num monitor de eletrocardiograma.

Vejo um poste que passa e vai embora até que vejo outro poste que passa e vai embora enquanto no céu, que há pouco era escuro e límpido, abrem-se fendas que o racham feito um pintinho racha a casca de um ovo quando está maduro para sair; é o sol, escondido pelas nuvens, que está escapando pelas brechas, pequenas junções que rasgaram e por onde o sol agora escorre, e os raios se estendem em feixes de luz alaranjada, que chega a meus olhos como as gotas de suor que saltam dos personagens de desenho animado quando estão suados ou passando grande nervosismo, ou como a ira divina na testa franzida de Deus, que é pai de Jesus Cristo, ainda que no fim das contas pai e filho sejam a mesma grande pessoa que é Jesus Cristo Nosso Senhor, de Onde Há de Vir para Julgar os Vivos e os Mortos. *Jesus Cristo. Jesus Cristo. Jesus Cristo*, eu estou aqui, digo em segredo. Quanta violência para amanhecer, penso, e volto às linhas pretas que sobem e descem e seguem, num trajeto sempre igual, mas com armadilhas.

Vejo então a nuca do meu pai. Meu pai, que dirige o carro. O cabelo precocemente branco desce ondulado até o pescoço. A cabeça está inclinada de leve para a direita, num gesto natural que repito. O assento está reto. Meu pai é reto. Dirige depressa, mas com cuidado. Travo o pino da porta dele. Agora sim, ele está a salvo. Eu também,

porque meu pai não vai despencar na estrada, e vou continuar a ter pai, porque ele não vai despencar. Olho o perfil e a nuca da minha mãe, que olha para o meu pai ao lhe entregar com cuidado o *mate*. Ela olha de lado para ele e volta a olhar para a frente, com um vago gesto de desânimo. No rádio está passando o noticiário. O locutor me assusta. Fala como se todas as coisas fossem derradeiras, como que anunciando um estado de permanente alerta, como quem diz *hoje tem toque de recolher por causa do terremoto, ou atenção, atenção, não saiam de casa porque o pior está por vir*. Sua voz nervosa me faz estremecer. Mas ele não diz *toque de recolher* nem fala de *nós*. Diz *ministro, declarações, punitiva*. Penso em *punitiva* enquanto tento me acomodar no banco, que é pequeno para nós quatro. Nós quatro somos irmãos. Agora estou na janela. Sorte a minha. Não acontece toda hora, porque sou a irmã do meio, e irmãs do meio nunca ficam nas janelas. Mas a viagem é longa e meus pais resolveram sortear os lugares pra gente não gritar nem incomodar, porque é perigoso. *Ninguém quer que a gente bata o carro, não é?, então fiquem calmos e calem a boca*. De modo que estou na janela, mas não posso me iludir, porque daqui a duzentos quilômetros vou para o meio, que é o meu lugar, de onde eu nunca deveria ter saído. Escolhi ir atrás do meu pai, do lado esquerdo do banco. Acredito que assim posso protegê-lo. Cuido para que ele esteja atento, tranco sua porta e rezo na nuca dele, pedindo que não bata, porque ninguém quer que a gente bata, nem eu. Meu irmão, que viaja do meu lado, está com certo cheiro. Não quis tomar banho antes de sair, e agora sou eu que sinto o cheiro dele. Não me incomoda. Está com cheiro de lençol. Os lençóis não me incomodam. As batatas da perna, magras, se contorcem para a direita. Ele está inclinado, dorme de lado apoiando a cabeça num casaco enrolado que serve de travesseiro. Minha irmã mais nova está sentada do lado, e também dorme. Apoia a cabeça na saia da mais velha, com a boca levemente aberta. Respira suave, mas eu ouço o ar saindo sem pressa pelos lábios entreabertos que não vejo. Não consigo ver tão longe, mas sei como abre a boca quando está dormindo porque dormimos no mesmo

quarto e já a vi dormindo muitas vezes. Quando está dormindo, o cabelo fica mais despenteado que o de qualquer outra pessoa. As pálpebras caem pesadamente, o sono se torna comprido, pesado. E enquanto dorme, todos nós dizemos, sérios, *ela está dormindo*, como se esse momento dela já fosse uma constatação oficial na família. Minha irmã mais velha é a outra privilegiada que está na janela, mas ela não olha os postes, porque também dorme, encostada no vidro, balançando, num movimento constante de batidas suaves e seguidas que a embalam, acho, e que me embalam, com certeza.

Um, dois, três, quatro, catorze postes. Quinze, vinte, trinta e seis, cinquenta e cinco postes. Os postes se movem e eu estou quieta. Avançam para trás, em direção ao que já passou. Mesmo que meu pai parasse de dirigir, se ele se negasse a acelerar, freasse de repente, esses postes e essas linhas seguiriam viagem. Não vamos mais à praia. Nem queremos mais ir à praia. Estamos numa faixa sem fim, e nosso carro está detido nela, obrigado a ficar ali enquanto tudo ao nosso lado desliza sem cessar, sem cansar. É a pena que cada um dos dois lados deve pagar. Isso de seguir avançando é a pena. Saber que tudo avança é a pena. Às vezes penso no dia seguinte à minha morte e no anúncio da margarina que unta, com aquelas dobrinhas perfeitas, a superfície da torrada perfeita e o ar matinal da família feliz no café da manhã com sol e janela e cortina e jornal e torrada e fumaça saindo do café e as unhas de todo mundo bem cortadas e limpinhas e tudo vai continuar funcionando como antes, e quando a mãe morde a torrada ao mesmo tempo que sorri e lança aquele olhar de *que delícia essa margarina, meu Deus do céu, já posso morrer* (isso é o que ela diz mentalmente, no ápice do entusiasmo, não é o que eu digo, apesar de estar justamente falando da minha eventual morte), não vai fazer diferença se eu estiver morta, se qualquer um de nós estiver morto, porque de um jeito ou de outro vai aparecer na tela a palavra candura em letras desenhadas com margarina e as pessoas na rua de um jeito

ou de outro vão atravessar a porta giratória do banco e de um jeito ou de outro, entre os prêmios que ficam à mostra na quermesse anual da escola, haverá uma lata de ervilhas, um jogo de colheres com cabo de plástico, um leque com lindíssimos motivos chineses, um relógio que serve tanto como despertador quanto como relógio de parede, um porta-retratos com um casal de namorados caminhando à beira-mar e um pôr do sol espetacular atrás deles, pêssego em calda. Posso ir em frente agora mesmo, porque não me importa que outras pessoas tenham morrido. Não, eu não sou a condenada. Condenado é o morto, que, além de ter que estar morto, não pode nem esperar um vento certamente estupefato que congele por um instante tudo ao seu redor, o passo do apressado, o ponteiro que marca a hora, a risada do locutor de rádio, a expressão da família durante o café da manhã untado com candura. Vejo os postes porque não me importa que outras pessoas tenham morrido. O que é bom para os outros é bom para mim. Não posso me queixar, e a margarina candura está me dizendo *se liga*. Eu me ligo, mas não muito, porque, quando me dou conta, os olhos já estão fechando, não há mais postes, estou dormindo.

Sonho que estamos todos viajando de carro. Continuo na janela, mas agora quem está do meu lado é a mais velha. Meu pai está dirigindo e minha mãe é a copiloto. O carro começa a reduzir a velocidade. Estamos cercados por carros que precisaram reduzir a velocidade: é um atoleiro, ninguém vai para frente, ninguém vai para trás, é impossível se mover, nada é mais impossível do que se mover. Alguns metros adiante, a causa. Não é uma árvore muito grande. Tem uma copa frondosa, um tronco fino, e caiu fechando a rua toda. Depois vejo que aquele vulto mirrado que jaz a alguns metros é um homem. Não sei por quê, mas estou convencida de que a árvore caiu em cima do homem e não o esmagou. O homem está num canto. Há também um senhor cheio de energia, agachado, tentando reanimar o que está quieto. Para mim, o homem quieto está morto, ou pelo menos inerte.

O que tenta reanimá-lo faz respiração boca a boca e dá tapas na cara dele. Então o morto se mexe e, apesar de eu e minha irmã estarmos longe, e de haver uma janela de carro no meio, vejo os primeiros sinais (quase imperceptíveis) de ressurreição. Um tremelique ligeiro faz a maçã do rosto do morto mexer um pouco e depois ele torce a boca, numa contração que o deixa com cara de quem se sente desgraçado. Lázaro. Digo *Lázaro*. Eu e minha irmã descemos do carro, pulando, sacudindo os braços como se fôssemos membros de uma torcida organizada, gritando *viva!, viva!, viva!* Ele se refaz e olha para o lado. Entre todos que assistem à reanimação, o morto escolhe olhar para a gente, para mim e minha irmã. Sorri para nós e faz o Sinal Internacional de Ok, levantando o polegar do triunfo.

Acordo aos poucos, aos poucos começo a escutar, com os olhos fechados, meu irmão e minha irmã mais velha brigando. O carro não tem ar. Está tocando uma milonga no rádio, mas a estação está mal sintonizada. Estações de rádio mal sintonizadas me deixam triste. Meus irmãos gritam. Ele diz *é a minha vez*. Ela diz *faltam vinte quilômetros*. Ele diz *me deixa ir na janela senão eu acordo ela e ela me dá o lugar*. Ela diz *não faz isso*. Ela é neutra. *A Suíça é sempre neutra*, repito, entre sonhos. Então minha mãe intervém *chega*, e meu irmão fica resmungando um xingamento novo, e minha irmã responde dizendo *seu puto*. Finjo que estou dormindo, apesar de estar incômoda assim, desmornada no ombro do meu irmão. De rabo de olho vejo ele se mexendo, o punho cerrado com força e o rosto vermelho de raiva. Continua discutindo (sabe-se que puto é um insulto cruel, que surte grande efeito quando se quer deixar alguém irado). O céu está ficando nublado e já não me lembra a testa franzida dele nem as gotinhas em cima da cabeça dos que estão nervosos. Que calor.

O simulacro de sonho deixa de ser simulacro de sonho e volto a dormir, mas agora estou enjoada. Fico enjoada toda hora. Vira e mexe eu enjoa. Quando viajo sempre vomito. Agora, nas viagens, minha mãe me dá uma sacola antes de partirmos. Aperto a sacola entre os joelhos. Quando durmo, ela cai em cima das minhas sandálias. São

novas, de plástico vermelho. Meus pés suam mais quando uso elas, mas não ligo, porque são lindas. O suor vale a pena. Durmo e volto a sonhar. Sempre fui de sonhar muito. Sonho que estou na margem do rio. Tem uma festa: as pessoas estão vestidas de branco e comem bolo e tomam jarras de suco de laranja. Eu não pego bolo. Vejo os outros comendo. Minha irmã mais velha e meu irmão brincam de girar uma corda de roupas comprida: uma camisa amarrada a uma calça amarrada a uma toalha amarrada a outra toalha. Meus irmãos brincam de bater essa corda como quem brinca de bater uma corda qualquer. Mas no meio de qualquer outra corda teria alguém pulando. Uma criança segura a corda de um lado. Outra criança segura a mesma corda do outro. E uma terceira criança pula. Mas no sonho não tinha a que pula. Minha irmã mais nova e eu imitávamos eles e brincávamos com outra corda comprida perto do rio. O anfitrião caminhava cumprimentando os convidados. Nunca chegava perto da gente, mas a gente não ligava e continuava a brincar.

O sonho fica confuso quando começo a ouvir uma voz imperativa e nova, que vem quase do céu. Deus, de novo. Uma voz desliza para dentro de mim e me interrompe. Interrompe a brincadeira e me diz coisas que não entendo. Tento recuperar a margem do rio, mas não consigo. A corda. Outra vez. A corda. A voz persiste e eu acordo. Minha mãe está me esperando, e me observa, do lado de fora do carro. Minha porta está aberta, e o carro, vazio. Atrás dela tem uma bomba de combustível. Esfrego o rosto e olho para ela, sem entender nada. Então a voz de Deus aparece de novo: minha mãe me pergunta, com a voz cansada, se não quero aproveitar para ir ao banheiro. Desço lentamente do carro, com a roupa toda amassada, o cabelo despenteado e um gosto amargo na boca (lembro do banheiro encharcado da minha escola, e dos dias de educação física, quando tinha que trocar de roupa lá, tentando não pisar na água imunda, para não manchar a roupa, segurando o vômito). Penso no vômito e percebo que quero vomitar. *Quero vomitar*, digo. *A sacola!*, ela grita. Procuro rápido a sacola no banco mas não encontro. Quando me

ajoelho no chão para ver se está debaixo do banco do meu pai, acontece. Vomito. Sem querer, vomito dentro do carro. E eu estava do lado de fora. Vomito no carro. E minha mãe diz *mas, minha filha...!*, e bufa enquanto segura a minha cabeça com as mãos e a empurra para fora do carro, para eu continuar ali. Continuo, e o funcionário do posto me observa atentamente, cheio de nojo. Não o vejo, mas na hora sei que está com nojo. Eu também teria nojo de ver ele vomitar. Penso nisso e vomito mais. Minha mãe abre o porta-malas, vasculha as bolsas e puxa uma toalha. Passa a toalha em mim de repente, depois de encharcá-la de água quente da garrafa térmica. Com um pano, limpa o vômito que se espalha pelo banco e pelo chão do carro, e depois o torce a alguns metros de mim. Está com nojo. Com razão.

O cheiro da colônia me embriaga. Inspiro e expiro, fascinada. Estou cheirando a colônia e no carro tudo cheira a colônia. O vestígio do vômito insiste, por baixo, num nível mais profundo do olfato. Mas, com boa vontade, o cheiro é de sândalo. Que gostoso. Não tem nada mais gostoso que água de colônia de sândalo, penso, e proponho uma brincadeira para minha irmã mais nova. Agora nós duas estamos no meio. Era a vez dela na janela, só que, como é a mais nova, acabou perdendo. Mas esse abuso de poder não a incomoda muito. Ela é boazinha. Sempre nos ajuda. Às vezes papai perde os óculos, ela procura e sempre acha. Ou então se tem algum nó muito apertado, ela consegue desatar rapidinho. Tem dedos ágeis e boa vontade, como diz a mamãe. Dormimos juntas no mesmo quarto e antes de dormir brincamos de ver quem diz boa-noite por último antes de adormecer. Eu falo *boa noite, até amanhã*, e ela responde, *até amanhã, boa noite*, e continuamos assim por horas e horas. Quando éramos menores a gente brincava de se beijar que nem os adultos, mas um dia minha outra irmã nos viu e ameaçou contar para a mamãe que a gente estava fazendo uma coisa muito horripilante e terrível, e nunca mais fizemos aquilo. Agora brincamos de barbie. Tenho duas. A perna de uma

delas está caindo. Às vezes brinco com ela de mulher da perna amputada. Minha irmã tem três bonecas, acho, e todas com muito cabelo. Uma cabeleira abundante, como a da Genoveva de Brabante, uma princesa do livro verde que às vezes eu leio e que não acaba nunca, porque tem muitas histórias. O que eu mais gosto das barbies são as casas. A gente se distrai montando as casas das barbies, ficamos horas decorando com potes de creme que servem de banco, livros abertos que funcionam como quadros ou papel de parede, lenços que são cortinas e outras coisas que vamos coletando com paciência na nossa casa para decorar a casa delas. Biombos são sempre um toque de classe.

Agora estou feliz porque não vou mais vomitar no resto da viagem. Nunca faço isso mais de uma vez. Abro um pouco a janela para respirar ar fresco, mas entra um vento quente, espesso, junto com um barulho de hélice que silencia todos os nossos ruídos. Fecho a janela. Proponho mais uma brincadeira à minha irmã, aquela conhecida como As Grandes Lojas de Paris, na qual não se pode dizer nem sim nem não, nem branco nem preto. Começamos. Meu pai dirige em silêncio. Minha mãe observa a estrada, imóvel. *Bom dia, senhora, em que posso ajudar?*, falo pra ela. *Eu queria...* Minha irmã pensa um pouco e eu fico ansiosa. *Eu queria um par de meias*, conclui. *Ah, hoje mesmo chegou a nova coleção, quer dar uma olhada?* Sim. Dou risada e comemoro a minha vitória em alto e bom som. Ela se ofende (ela se ofende o tempo todo) e vira para o outro lado. Fico um pouco quieta e logo peço à minha mãe uma empanada. Ela me dá uma e eu como. Faço carinho no cabelo dela. Ela sorri e me dá outra. A meu lado, meu irmão diz, bem baixinho, *sua dumbo vomitona, dumbo vomitona* e eu grito *para de me chamar de dumbo* e ele continua *dumbo-dumbo-dumbo*, e eu choro. Mamãe suspira e diz que ela também tem orelha grande. Interrompo o choro para ver a orelha dela e percebo que está mentindo. Continuo chorando e minha irmã mais velha intervém para dizer que eu preciso parar de me irritar com isso, que o

melhor é rir e não dar bola. Meu irmão continua *dumbo-dumbo* e eu choro mais, com soluços e tudo.

Quisiera decir. Quisiera decir. Quisiera decir tu nombre. Quisiera contarte. Que tengo abierta una herida. Canto junto com José Luis Perales, pensando no José Enrique. Quem sabe um dia o José Enrique me beija. Não gosto dos dentes dele. Isso poderia ser um problema. Tem os caninos muito protuberantes, amarelos, subindo pela gengiva. Quando vejo o José Enrique meus olhos logo se perdem nos dentes dele, não consigo evitar. Sei que deveria evitar, mas não consigo. No toca-fitas José Luis Perales canta. A fita cassete é da minha irmã mais velha, mas eu sei as letras de cor, porque às vezes eu e ela ficamos deitadas na cama só para ouvir. Ela pensa nos namorados e eu penso nos namorados. Os namorados dela são mais altos que os meus. Os dela têm espinhas. Os meus têm dentes protuberantes. Minha mãe não gosta do José Luis Perales. Prefere ouvir *sevillanas*. E meu pai tem um gosto muito enigmático. Preciso lembrar de depois falar sobre o sentido da palavra *enigma*. Tenho um anel de coco. Minha tia que me deu. *Como você está boêmia*, minha mãe me disse, sorrindo, quando viu o anel. Eu disse *sou flor de boêmia*. Agora o anel está no indicador, não no anular. Pus assim para lembrar do que quero contar depois de acabar isso. Meu pai. Às vezes ele escuta Isabel Pantoja. Acho ela muito atormentada. Não sei bem, nem como se fala direito, o que quer dizer atormentada, mas imagino. Minha irmã não quer que me atormentem por eu ter orelhas grandes, mas mesmo assim me atormentam. Minha mãe não quer que a gente atormente a minha irmã mais nova dizendo que ela é adotada, mas não damos bola e dizemos, de novo e de novo, que ela não é quem pensa ser, mas que sempre vamos amá-la porque é boazinha.

Os atormentados são atormentados mesmo que alguém tente protegê-los. Há algo no tormento que os faz abraçá-lo, ainda que seu corpo fique coçando e a língua, ardendo. Eu tento proteger a Alí, que é

a melhor aluna na educação física e a pior em todo o resto. Todo mundo atormenta ela por ser burra e por ter dentes de coelho, mas eu a protejo. Não adianta nada, mas faço isso mesmo assim. Ela arremessa a bola como ninguém. Dobra o braço e a coloca entre a mão e a costela, pega impulso e arremessa assim, de lado, na diagonal. A bola cruza a quadra e me acerta na barriga ou na bunda (tento me esconder da bola em vez de agarrá-la, e isso é ruim no jogo), e nesse momento odeio a Alí, porque a pancada dói. Mas depois passa. Às vezes a Alí me oferece coca-cola. Ela bebe coca-cola e eu peço um gole. Ela me dá a garrafa e eu tomo no gargalo. Ela pega a garrafa e limpa o gargalo com o laço do uniforme. Fico com raiva disso, mas não digo nada, porque a garrafa não é minha. Depois vamos para a aula, mas ela está na lua. A professora pergunta: *Alí, a tabuada*, e ela abre seu sorriso de dentes de coelho e encolhe os ombros. Eu sei a tabuada, mas não ligo para isso. Gosto do nove porque os algarismos que se formam com a multiplicação, quando somados, dão nove. Dois vezes nove dá dezoito. Oito mais um dá nove. Gosto dessas coisas. Coisas assim.

Papai está rindo e eu abandono a tabuada para prestar atenção nele. Está escutando rádio e tomando *mate*. Eu gosto do jeito que ele dirige. Acredito que nunca vai bater. Não quero que bata. Ele nunca vai bater. Quero dar três batidinhas na madeira para que ele nunca bata. Não encontro nenhuma madeira. Então dou três batidinhas na minha cabeça. Bato na minha cabeça para que meu pai nunca bata o carro. Pronto. Agora sim. Papai ri de novo e eu observo a nuca dele. Fico ouvindo junto dele, vendo de perto os fios de cabelo branco, sentindo de perto o cheiro do gel azul-esverdeado que ele sempre passa. Um comediante conta piadas no rádio. Papai e mamãe ouvem o comediante. Eu também, mas fico de saco cheio bem antes do final. Interrompo o homem e pergunto ao meu pai se ele quer que eu conte uma piada. Diz que sim, mas não sei se ele quer mesmo. Digo *então*, e fico um momento pensando como era que começava e daí fico fazendo hora para ver se meu pai se toca de que tem que baixar o volume do

rádio, porque senão vai ser impossível falar. Mas ninguém baixa o volume. Pigarreio.

Conto aquela da freira cujo nome era Maria Serra Pinto e lhe chamavam de irmã Serra Pinto. A freira chorava e chorava porque todos chamavam irmã Serra Pinto para cá, irmã Serra Pinto para lá, e tome chorar e chorar, porque ela não gostava nada do nome. Estou gritando porque o rádio me incomoda e penso que se eu falar aos gritos talvez eles se toquem de que deveriam baixar o volume. Mamãe vira e olha para mim. Meu irmão está dormindo. Minha irmã mais nova está dormindo. Minha irmã mais velha olha pela janela, como se também contasse os postes. Um dia irmã Serra Pinto vai à sala da madre superiora e diz: *Madre superiora, não aguento mais, quero que ache um novo nome para mim, porque desse jeito não aguento mais.* A madre superiora diz: *Minha filha, veja esta semente. Hoje mesmo vou plantar ela e daqui a um mês você voltará aqui e veremos qual planta nasceu da semente, porque essa planta te dará um novo nome.* E então irmã Maria Serra Pinto sai muito feliz e passa um mês pensando em se chamar Rosa, Alegria ou Santa-Rita. Minha irmã me interrompe para dizer, entredentes, *mentira*. Eu me defendo: *mentira o quê?* Ela responde: *mentira, ela não pode se chamar Santa-Rita porque ninguém vai dizer irmã Santa-Rita.* Eu digo que claro que sim, porque existem freiras que são santas. Ela diz que não, que uma pessoa só pode ser freira ou santa, mas nunca as duas coisas. Eu a ignoro e continuo. O comediante do rádio está falando de um homem albino que era alvo de todo tipo de maledicência. Tenho a impressão de que meu pai voltou a ouvir essa piada e já esqueceu da minha. Grito mais alto. Finalmente chega o dia e irmã Serra Pinto vai à sala da madre superiora, que está atrás da escrivaninha, muito triste, olhando com pena para a irmã Serra Pinto! Minha voz falha na hora de gritar. Irmã Serra Pinto pergunta à madre superiora: *O que vou ser? O que vou ser?* A madre superiora diz: *Sinto muito, irmã Maria Serra Pinto, mas de agora em diante você se chamará... irmã Maria-Sem-Vergonha!*

Então há um momento de silêncio, que para mim é de expectativa, fico com o coração apertado. Meus pais riem, enfim. Papai parece ter achado mais graça que a mamãe. A risada se prolonga. Parece mais com a risada que ele dá quando ri de verdade. Quando meu pai ri de verdade, faz coisas como ficar todo vermelho, afogar a voz e repetir três vezes o final da piada que fez ele rir (*enciclopédia!, enciclopédia!, enciclopédia!*). Minha irmã mais velha não parece convencida e discute comigo. Me diz de novo que a freira não poderia se chamar irmã Santa-Rita. Fala para eu não ser burra. Diz: *mãe, não é verdade que freira só pode virar santa depois que morre?* Mamãe diz que sim, que é isso mesmo, mas que eu só estou contando uma piada. Ficamos todos em silêncio por um segundo. Lá fora as nuvens se tornam tenebrosas. Penso que não deve ser verdade que quando as pessoas ficam quietas ao mesmo tempo é porque passou um anjo. Isso não me convence. Por que eles passariam só nesse momento? Não entendo. Meu pai aumenta o rádio e escutamos a risada geral por causa da piada daquele senhor. Eu não estou rindo. Não dou risada, não.

Minha irmã mais nova grita *já tá na hora!* Meu irmão dá razão a ela e me diz: *lamento muito, pequena, mas você deve me ceder o seu lugar, meu amor.* Pergunto por que ele está falando como se estivesse num filme. Ele sorri, fechando os olhos de leve; acho que ficou maluco. Eu bufo. Minha irmã mais velha está implorando à mais nova que por favor a deixe ficar à janela, e que em troca, quando chegarmos na praia, ela vai deixá-la escolher a cama. Fico chateada e digo que não vale, não vale ela escolher a melhor cama, porque se fosse assim eu trocava de lugar com ela, e porque eu também tenho direito de escolher. Meu irmão intervém e diz para mim e para a mais nova que não devemos deixar ninguém abusar da gente, que não podemos trocar a nossa dignidade nem deixar que a união fraternal do nosso sangue seja ameaçada por favores baratos. Definitivamente acho que meu irmão ficou louco. A mais velha olha para nós três com um ar muito grave de

reprovação. Está decepcionada com as nossas misérias humanas. Penso se deveria ter defendido ela, ao lembrar agora como ela me defendeu antes, quando eu estava dormindo, dizendo que eu era neutra. Nos olhamos sem arriscar mais nenhuma palavra. Ela continua com essa expressão de *ora veja só, e eu que pensei que podia confiar em vocês... que ilusão!* Estamos quietos. Na frente, mamãe prepara um *mate*. A água quente que sai faz um laguinho na cavidade do aterro formado pela erva. Minha irmã mais nova abre a boca, mas quem fala é meu irmão. Ele diz: *trato é trato*. Derrotadas, nós duas nas janelas levantamos e passamos por cima das pernas dos nossos sucessores, aqueles sortudos. A mudança de lugar é trabalhosa. Piso no meu irmão, que protesta, deslizando rapidamente para o canto. Minha irmã mais velha abre as pernas compridas e sua coxa esquerda rouba um pouco do meu espaço. Não cedo e abro as pernas também. Engulo uma reclamação enquanto meu joelho pressiona o dela. A queda de braço, quer dizer, de coxa, acaba nos colocando em lugares mais equivalentes. Meu irmão olha pela janela como se estivesse descobrindo algo incrivelmente interessante. Viro a cabeça para tentar ver também, mas ele está cobrindo a minha visão. Estou no meio. Maldição.

Queria um cachorro. Tenho uns peixes. Já tive tartaruga, pintinhos, papagaios, hamsters e um coelho. Meus peixes nadam num aquário grande, cheio de pedrinhas e conchas. Vira e mexe fica cheio de musgo e preciso limpá-lo. Tenho preguiça de limpar o aquário e vou deixando, deixando, deixando até que um dia não consigo mais ver os peixes lá dentro por causa da capa verde de musgos colada no vidro. Encosto meus olhos no aquário e por uma miniabertura vejo passar a cauda do Boris, meu peixe laranja. O outro se chama Outro e nada para um canto. É branco e frágil. Nunca pensei que ele fosse viver tanto, mas agora acho que não voltarei a vê-lo vivo. Agora, para que todos pudessemos sair de férias tranquilos, deixei o aquário com a

María, minha amiga. Pedi que cuidasse dos peixes, entreguei a comidinha deles e fui embora. Caminhando de volta para casa me dei conta de que se algum deles morresse ela ia ficar terrivelmente preocupada. Voltei e disse que, se algum peixe morresse, ela podia jogar na privada e dar descarga. Mas que tentasse não deixar nenhum morrer. Depois minha mãe ligou para a dela e perguntou se não era muito incômodo cuidar daqueles *hóspedes*. Quando disse *hóspedes* no telefone, fez ao mesmo tempo o Sinal Internacional das Aspas, curvando os dedos e cortando o ar. Parece que a mãe da María falou que não era um incômodo, de maneira nenhuma. Quando minha mãe desligou, disse: *vamos trazer um presentinho para eles quando voltarmos; que gentileza*. Eu perguntei *um souvenir?* Mamãe disse *isso, ou algum artesanato*. Eu perguntei *uma concha grande e envernizada?* Mamãe disse *pode ser, pode ser*. Como minha mãe é incrível.

Agora viajo e penso que não vou voltar a ver meu peixe branco, o Outro, porque ele não vai viver por muito mais tempo. Quando vi o Outro pela última vez, ele já não conseguia nadar. Estava de lado, flutuando na água, quietinho. Eu batia no aquário para acordá-lo, mas ele só se mexia um pouco. Girava de leve, rodava para ficar na posição certa, mas não aguentava. Logo estava de lado de novo, flutuando dentro d'água. Eu acho que só vou considerar ele morto mesmo quando aparecer boiando na superfície. Me dá muita pena pensar que o Outro possa morrer. Fico achando que o Boris vai junto com ele e que vou acabar sem peixes. E sem cachorro. Já tive outros peixes. Pisei sem querer em um, num dia em que precisei limpar o aquário. Tirei o peixe da água e ele escorregou da minha mão e ficou pulando que nem doido no chão, e eu fiquei nervosa e corri atrás dele pela cozinha, tentando agarrá-lo no ar. Mas pisei em cima dele. O som foi horrível. Tive mais outro. Eu dizia a todo mundo que o nome dele era Berta, mas na verdade eu o chamava de Professor de Órgão. Não sei por quê, mas chamava ele assim. Fui comprá-lo na veterinária e na noite daquele mesmo dia o Boris e o Outro comeram ele. Na manhã seguinte só tinha sobrado a cabeça. Eu chorei e minha mãe disse para

eu tomar um suco. Quis enterrá-lo, mas minha mãe me disse que os peixes têm que ir embora pela água, então joguei ele na privada. Por isso eu disse para a Maria jogar o próximo morto na privada. É a forma que os peixes têm para morrer sem sair de seu hábitat.

Na minha casa tenho um cemitério de animais. O quintal está cheio de pedacinhos de cruzes. Quando um passarinho morre, a gente enterra. Minhas irmãs e eu fazemos o buraco e meu irmão prega duas madeiras, fazendo uma cruz. Acho que temos sete passarinhos enterrados. As cruzes não duram quase nada porque quebram quando chove. Essa área do jardim é boa para achar minhocas. E um dia vai ter petróleo. Tenho certeza. Tomara que a casa ainda seja nossa, porque assim ficamos com o dinheiro todo. Na *Dinastia* eles têm todo o dinheiro do mundo, porque têm petróleo. O petróleo se forma por causa dos ossos. O cemitério de Salto um dia vai dar petróleo. E todos os bichos mortos no jardim da nossa casa também. Eu vou estar numa caravana, e uma fila comprida de carros vai percorrer a cidade buzinando e nós também vamos buzinar e gritar: *olê, olê, olê, olê, petró, leô*. Se eu tivesse um cachorro, um dia o cachorro morreria. E aí não sei se eu teria vontade de enterrá-lo lá em casa. Não quero ter tantas minhocas por perto.

Meu irmão dorme com a cabeça encostada num casaco apoiado entre o encosto e o vidro da janela. Respira alto. O nariz dele está crescendo. Eu poderia jurar que no ano passado o nariz dele era menor. Vejo os campos que passam correndo e as pastagens e os postes e agora uma placa com um número que não consigo ler porque já passamos e em seguida vejo os campos que passam correndo e as pastagens e os postes e as pastagens, e os postes, e as pastagens, e outra placa que também não consigo ler. Faltam uns sessenta quilômetros para eu voltar à janela. Uma vaca. Cinco mil vacas, e de vez em quando um bezerro. Tento não pensar em nada e só olhar a paisagem. Minha mãe acaricia a nuca do meu pai. Os dedos desaparecem sob os cabelos

brancos. O braço esticado do meu pai está pálido. Quando voltarmos vai estar bronzeado e tudo vai ser diferente. O cotovelo é enrugado e gasto. Fico com vontade de ter um cotovelo gasto. Vou ter que passar pedra-pomes no meu para ficar igual. Meu pai olha de lado para minha mãe. Ela sorri. Fico com vergonha e fecho os olhos e trato de pensar no futuro. Não consigo imaginar nada sobre o futuro e penso no passado, e lá está a Eva. Minha amiga Eva tem o cabelo muito loiro, quase branco, e a cara branca e bochechuda e a boca vermelha com uma pinta do lado, que se mexe para cima quando ela ri. Vejo essa pinta e penso que a pinta dela me hipnotiza. Às vezes brinco de hipnotizar minha irmã. Digo a ela, com uma voz grave e forte: *agora vou te hipnotizar*. Então tiro o relógio que me deram no meu aniversário, seguro ele pela ponta e balanço de um lado para o outro, como se fosse um pêndulo, para que minha irmã vá ficando vesga de tanto olhar e fique hipnotizada, e então eu possa dizer a ela: *agora você será minha escrava*. Mas ela nunca fica hipnotizada. Fica logo de saco cheio e eu ponho de volta o relógio, e nada aconteceu aqui.

Uma vez a Eva foi brincar lá em casa e nós duas estávamos brincando de carimbar folhas e chegou uma prima minha de segundo grau que é muito má. Má, não. Ela se acha. É isso. Tem o cabelo bem comprido e joga tênis. Veio e falou para a Eva: *chega pra lá, sua gorda*. Eu fiquei brava, mas não falei nada. A Eva ficou com cara de que não se importava, mas foi até o banheiro, voltou com o nariz vermelho e me disse: *vou pra casa, tchau*. Minha prima de segundo grau carimbou as folhas que ainda não tinham sido carimbadas, tomou uma vitamina de banana e foi embora sem se despedir. Outro dia a Eva me convidou para ir comer churrasco na casa dela. O pai dela, que é inglês, fez milho na brasa. Eu nunca tinha comido milho assado na brasa. Comi três, estavam deliciosos.

Eu gosto da família da Eva. É diferente. O pai é careca. Tem a cara vermelha. Fala de um jeito estranho, porque é inglês. Veio construir a represa, porque é engenheiro. Um monte de engenheiros veio construir a represa. Me disseram para não me apegar muito à Eva,

porque o pai dela constrói represas no mundo todo e logo logo a represa vai ficar pronta e eles vão embora. A mãe da Eva é argentina e tem o cabelo muito enrolado, porque é hippie. Acho ela linda. Ela me lembra algo, sempre penso, mas não sei bem o quê. No começo achei que me lembrava a Jo, minha Mulherzinha favorita, porque é a mais corajosa, se oferece logo para vender a cabeleira, seu pertence mais valioso, apenas com o intuito de fazer o bem. A mãe da Eva, a Jo e a Genoveva de Brabante têm cabeleiras memoráveis. Minha mãe gosta muito da mãe da Eva. A Eva tem uma irmã mais nova chamada Sara, que tem o cabelo ainda mais loiro e o rosto ainda mais branco que o da Eva. Eu gosto de ouvir o jeito como elas falam em inglês.

Gostei muito daqueles milhos na casa da Eva. Depois assistimos a *O balão vermelho*, não aguentei e desatei a chorar. Acho que é o filme mais bonito que eu já vi na vida. É muito triste. O menino tem um balão muito vermelho, que não murcha porque é de gás. Todo mundo quer espetar o balão e ele tem que correr para que ninguém o espete. Ele corre e cuida do balão, que é lindo porque está sempre em cima, bem esticado, bem alto. Mas as pessoas são maldosas e perseguem ele, e ele corre e cuida do balão, mas no fim das contas alguém acaba espetando. Eva também chora e fica com o nariz vermelho. Meus pais comentam sobre como os pais dela devem estar se entendendo, agora que tem uma guerra nas Malvinas. Acho que eles não brigam, mas mesmo assim pergunto à Eva se os pais dela brigam muito por causa da guerra, e ela diz que não sabe. Um dia eu estava na casa dela, montada no pula-pula, e a mãe estava na máquina de costura e Eva perguntou se ela estava brava com o pai por causa da guerra. A mãe sorriu e disse que a guerra estava longe. Outro dia meus pais foram a uma manifestação pela democracia e Eva estava comigo e fomos todos juntos e na praça pulamos ao som de *quem não pula quer censura*. A Eva pulava mais que eu e aplaudia e até se aproximou do palco para ficar mais perto dos políticos. Eu estava de pé, do lado das pernas do meu pai, e de repente vi, por entre as pernas dos outros, a Eva de pé, do lado do palco, sacudindo uma bandeirinha. Fui até lá e fiquei do

lado dela, cheirando seu cabelo enquanto cantava *En el bosque de la China*.[*] Me emprestou a bandeira e eu achei ela muito corajosa.

Um dia eles foram embora. A Eva me disse que o pai precisava ir para o Paquistão e eu caí no choro. Ela me disse para não chorar, mas não encontrei um bom motivo pra parar. Minha mãe me disse para eu não chorar, mas por mais que eu tentasse, não consegui parar. Antes que partissem, fui com minha mãe na casa da Eva e ela me deu de presente o pula-pula. A mãe da Eva deu de presente para a minha vários vestidos da Eva e da Sara, para eu e minha irmã usarmos. Mesmo que a Eva fosse mais gordinha que eu, um dia iriam servir. A minha mãe abraçou ela, e eu também. Depois a minha mãe abraçou a Eva, e eu também, só que por mais tempo. Eva disse que me escreveria cartas e eu disse que eu também. Ela me disse que ia colar adesivos nas cartas dela e eu disse que eu também, os mais bonitos. Depois fui embora, e quando entrei no carro caí no choro, mas dessa vez a minha mãe não disse nada. Às vezes eu coloco os vestidos da Eva. São compridos e floridos como os da Sarah Kay. Outro dia eu estava voltando da praça e alguém na rua gritou *tira essa camisola*. Na hora não liguei, mas quando cheguei em casa caí no choro. Depois tirei o vestido e pendurei. Agora fico na dúvida de usar esses vestidos que parecem camisolas. Mandei duas cartas com adesivos para o Paquistão, mas a Eva não responde. Já não sei mais onde ela está. Minha mãe também não. Ninguém sabe. Não sabemos.

Os joelhos das minhas irmãs são muito mais bonitos que os meus. A mais nova está de bermuda xadrez. O tecido se chama cloquê. A mais velha está com um conjunto de moletom lilás. Elas têm pernas bem definidas e joelhos ossudos, e as pernas afinam quando chegam nos joelhos. São assim: têm coxas compridas e batatas da perna compridas e bem definidas, mas os joelhos são pequenos e mirrados, e formam uma espécie de ampulheta nas pernas delas. Os ossos são delicados e eu tenho vontade de morder elas, de tão bonitas que são.

Meus joelhos não são assim. Meus joelhos são do mesmo tamanho que as batatas da perna. O que me faz parecer uma gordinha. Não é que eu seja gordinha de fato, mas os joelhos nesse formato enganam. Não vou ser modelo. Se elas quiserem ser modelo, vou aplaudir quando desfilarem pela passarela. *Tchau, tchau, tchau*. Alguém vai gritar para elas *gatas!*, e eu vou dizer: *concordo, mas espera aí, olha o respeito*. Serei a missionária que aplaude e a minha cruz de madeira será austera, e eu serei austera e profunda feito uma moça que se esmera, tão esmerada quanto essas mulheres de boca enorme, concentradíssimas, prendendo um colar difícil em volta do pescoço, tentando não pisar numa poça de água suja, carregando uma bandeja com taças frágeis, medindo qualquer coisa com uma fita métrica, se abaixando para procurar um grampo de cabelo perdido, passando um fio na ponta de uma agulha, escutando uma música que logo irão julgar, avançando por uma corda estreita feito equilibristas novatas. Mas elas não querem ser modelo. Já perguntei, e nenhuma se interessa por isso.

Proponho ao meu irmão brincarmos de sério. Ele topa. Olho para ele. Olho entre as sobrancelhas dele, onde uns pelos minúsculos formam uma sombra que só dá pra ver querendo muito. Tento pensar em coisas tristes. Penso na Eva de novo, mas a tristeza já foi embora e não me ajuda a ganhar dele. Penso na coisa mais horripilante que existe no mundo. Já sei. São as plantas carnívoras que devoram os bichos que pousam nos brotos umedecidos pelas florestas tropicais ou pela selva molhada onde elas nascem e crescem e se tornam voluptuosas e ávidas por carne humana e com vontade de engolir os dedos das pessoas que, por burrice ou por curiosidade, ou então sem se dar conta, encostam nelas, ainda que breve ou delicadamente. Às vezes comem moscas, e inclusive sabe-se de um beija-flor que foi devorado por plantas carnívoras. Pessoas já ficaram mancadas. Tenho medo de tudo que machuca, ainda que não tenha feito nada de mau. Encostar em algo carnívoro pode ser fatal. Tem que ter muito cuidado. As plantas carnívoras me ajudam a brincar de sério. Mas meu irmão

faz umas caras e bocas surreais. Abre as narinas e solta o ar como se fosse um homem furioso e concentrado ao mesmo tempo. Começo a ficar tentada e contorço a boca toda para não rir. Ele me olha com ar triunfante. Ganha de mim. Me diz que, se eu quiser a revanche, ele dá. Não quero. Para quê, se sei que vou perder.

Agora estamos ouvindo a Crystal Gayle, uma cantora country que meu pai adora. Não sei se é a favorita dele, mas é algo perto disso. Ela é de Kentucky. Canta como se estivesse consolando alguém. Aprendemos algumas músicas de cor, mesmo não sabendo inglês direito. Minha professora favorita é a Lil. Minha cor favorita é azul, e às vezes também vermelho. Mas mais azul que verde. Meu bicho favorito é o cachorro. Meu país favorito é o Uruguai e também a Espanha. Minha tia mora na Espanha. O marido dela se chama Jesús. Deram o nome de Jesús a ele porque era o mais novo e vivia em um povoado. Tinham separado ele para ser padre, mas ele não queria ser padre. Queria ser outra coisa, mas estudou para ser padre. Depois de grande também separaram ele para algo, acho que para ser carpinteiro. Jesús não queria ser padre, e no fim das contas não virou padre porque conheceu a minha tia. Agora eles moram lá na Espanha e trabalham na imprensa. Quando ele veio, brincamos de “o meu chapéu tem três pontas, tem três pontas o meu chapéu”. Eu respondia *o meu chapéu tem três quilos, tem três quilos o meu chapéu*. Depois meu irmão continuou cantando *o meu chapéu tem três bundas, tem três bundas o meu chapéu*. Depois cantamos *o meu bumbum tem três quilos, tem três quilos o meu bumbum*. Ele não deixava e dizia *não tem graça nenhuma*. Ele diz “graza” em vez de “graça”. Adoro ouvir o jeito que ele fala o Z.

Meu calendário favorito é o da Suíça. Adoro as casas com neve do lado e o lago e as montanhas. Meu desenho animado favorito é o *Speed Racer*, e às vezes também o da *Heidi*. Eu acho que ela mora na Suíça. Gosto quando ela canta *vovozinho, me diz, se esse som tão lindo escutar, vovozinho me diz, por que eu na nuvem vou, diga por que eu sou tão feliz*. Eu às vezes cantava certo e outras vezes cantava coisas como

vovozinho demente. Minha piada favorita depois daquela da irmã Serra Pinto é uma do casal de loucos que escapam do hospício vestidos de bala, e alguém pergunta se ela por acaso é “dementa” e ela responde que não, que é de chocolata. Outro dia meu pai me perguntou se quando crescer eu quero ser piadista profissional. Fiquei pensando. Acho que não. Minha profissão favorita para quando eu for grande é ser missionária. Minha tia que mora na Espanha era missionária antes de casar com Jesús.

Agora paramos para descansar. Meu pai estica as pernas. Elas estalam quando ele se estica. Descemos todos para a beira da estrada, onde há algumas árvores. São eucaliptos. Pego uma folha no chão e mordo. Queria que fosse de menta. Meu sorvete favorito é o de menta. Mas a folha não tem gosto de menta. Tem gosto de mato. Minha mãe vai para trás de uma árvore fazer xixi. Minha irmã mais velha não quer sair do carro. Está emburrada, mas não sabemos por quê. Eu também estico as pernas, mas as minhas não fazem barulho. Minha irmã mais nova vai com a minha mãe fazer xixi atrás da árvore. Minha mãe pergunta se eu não quero. Digo que não. Ela diz para depois eu não reclamar, se ficar com vontade. Digo que não. Meu irmão abre o porta-malas do carro e vasculha a bagagem. Meu pai diz para ele deixar pra lá, mas meu irmão está procurando um canivete que ele ganhou de presente um tempo atrás e que não corta. Gosta do canivete, mas ele não corta. Parece um canivete suíço, mas não é. Agora ele volta com o canivete e arranca a casca de um tronco, afundando o que seria a navalha de uma arma branca (quando digo *arma branca* imagino uma bela faca branca com asas, como um anjo especialmente loiro). Fica olhando aquilo. Parece fazer cálculos.

Dou voltas ao redor da árvore que meu irmão raspou. Conto os passos da circunferência com muito cuidado. São doze passos, se for com os pés grudados um depois do outro, e seis, se ando normalmente, com meus passos de sempre. Minha mãe e minha irmã mais nova voltam de trás da árvore. *A metade*, digo, pensando em enigmas. Meu irmão volta do carro correndo outra vez. Traz a

máquina fotográfica pendurada. Minha irmã mais velha vem correndo atrás. Agora está contente, e acho que é porque ela e meu irmão estão tramando algo. Abraço-a, e ela me olha de cima e pisca um olho. Abraço-a mais. Meu irmão diz que temos que tirar uma foto. Logo todos nos animamos, aquilo parece uma boa ideia. Mamãe diz que vamos poder colocar no álbum que as nossas férias começaram assim. Não sabemos como se tira a foto automaticamente, para meu irmão poder aparecer nela. Ele diz que acha que sabe, mas de qualquer jeito não tem onde apoiar a câmera para tirar a foto. Não tem nenhum tronco cortado que sirva de mesinha e também não podemos usar o capô do carro, porque meu pai diz que a câmera vai deslizar e cair. Me desespero porque tenho a sensação de que a qualquer momento meu pai ou minha mãe vão dizer que tudo bem, não tem importância, melhor seguirmos viagem porque já estamos demorando muito. Meu irmão também se desespera. Nos olhamos (minha irmã mais nova olha para meu irmão, eu para minha irmã mais nova e meu irmão para tudo em volta), até que mamãe propõe que ele tire uma foto, e que depois ela tire uma foto de todos. Não gosto dessa solução porque fica sempre faltando um. Hesitamos. Minha irmã mais velha tem uma ideia genial. Diz pra gente colocar a câmera na grama, deitada, e nos abraçarmos ao redor dela, todos em pé, mas com as cabeças bem juntas, fazendo um círculo em volta da lente. Que nem nos filmes, quando os times de futebol ou de beisebol dizem *um por todos e todos por um*. Meu pai acha uma boa ideia. Meu irmão tira o casaco e coloca no chão. Deita a câmera em cima e aperta alguns botões. Minha irmã mais nova está muito nervosa, como se ele estivesse a ponto de explodir uma bomba. A cada minuto ela pergunta se já deu certo. Meu irmão está inclinado sobre a câmera, com a testa franzida. Olho os seus joelhos grandes, a rótula transparente, quase à vista por causa da pele esticada (ele está de cócoras). Estica os braços (como são compridos esses braços, meu Deus, como podem ser tão compridos) e aguenta a pressa de todos, até que de repente perde a paciência e manda minha irmãzinha calar a boca. Ela olha para ele

com cara de quem está prestes a chorar; treme o queixo e os olhos ficam cheios de lágrimas e as lágrimas estão a ponto de transbordar e parece que a qualquer momento elas vão cair todas juntas num estrondo, e penso na *Candy Candy* e tenho certeza de que em menos de três segundos ela vai sair correndo e meu pai vai dar o assunto por encerrado e todos voltaremos para o carro nauseabundo, quando por sorte meu irmão grita que conseguiu e que temos que nos abraçar e olhar para a câmera e dizer *uísque* antes de a foto disparar. A gente obedece. Estamos todos abraçados e olhando para o chão, para a câmera. Uma luz vermelha pisca na frente. Nos vemos refletidos no vidro da lente. Atrás da nossa cabeça, o céu com nuvens. É difícil ficar parado. Eu fiquei entre minha irmã mais velha e meu pai. Do lado do papai está minha irmã mais nova e do lado dela a mamãe e do lado está meu irmão e em seguida vem minha irmã mais velha e então eu de novo. Dizemos *uísque* outra vez, porque a câmera demora. O sorriso está a ponto de congelar. Tira logo, tira logo. *Tira logo, tira logo*, digo. *Tira logo, tira logo*, a mais nova repete. Mamãe suspira alto e definitivamente estamos congelados. Acontece. A câmera faz um clique. E todos respiramos e nos soltamos rapidamente e vamos andando para o carro com algo de pudor e algo de carinho.

Queria muito descansar um pouco mais nessa parada, testar passos compridos ao redor do tronco para ver o que acontece (será que dariam três?), mas vamos embora. Minha mãe diz que, se vamos fazer a troca dos duzentos quilômetros, melhor fazer naquele mesmo lugar, nesse momento, já que depois, dentro do carro, vai ser uma confusão. Minha irmã mais nova diz que não vale, ainda faltam sete quilômetros para chegar nos duzentos. Meu irmão apoia minha irmã mais nova. Minha mãe faz sua expressão de desacordo e volta a suspirar. *Tá bom, tá bom*, diz minha irmã mais nova, com ares de derrota. Meu irmão diz que não é justo. Eu estou meio triste. Não sei bem por quê, mas nem tenho mais vontade de brigar com meu irmão para convencer ele a me

ceder agora mesmo o lugar na janela. Todos já estão no carro e meu irmão me olha com um olhar ameaçador, esperando que eu entre logo. Não resisto. A janela já não me importa, porque estou triste. Entro. Ele entra depois, vitorioso. Bate a porta com força. Papai arranca com o carro, põe a seta e estamos de volta à estrada. Às vezes a viagem é tão comprida que me acostumo, e depois não quero chegar. Agora, por exemplo. Não quero mais chegar. Por mim, poderíamos ficar aqui para sempre, para sempre nesse banco de couro bege, com esse cheiro de pijama no ar e migalhas de empanada entre as pernas. Como mais uma empanada. Minha irmã mais velha parece estar emburrada de novo, mas não é comigo. Confiro: *o que foi?* Ela me diz: *nada*. Digo: *estou com bafo*. Levanto a mão, faço uma concha com a palma para que o ar volte quando eu soprar. O ar volta. Aspiro. Seguro o ar. Não estou com bafo. Sopro na cara dela. Ela faz cara de nojo, mas logo muda para outra, sorridente. *Não*, me diz. Sopra o ar dela em mim. Está com um gosto de bolhas, mas o hálito não está ruim. *Está ótimo*, digo. Agora é a minha vez de viajar do lado dela. Continuo no meio. Ela me olha e me diz *minha pequena*, e coloca os dedos levemente sobre as minhas pálpebras. Sempre faz isso porque sabe que assim eu durmo. Minha irmã mais nova pergunta quanto falta para chegar. Minha mãe responde que menos que antes. Minha irmã mais velha continua fazendo assim com os dedos, e eu sei que vou dormir de novo. Deito no ombro dela, mas o ombro é ossudo e tenho que pôr um casaco para servir de travesseiro. Ponho o casaco ali e estou prestes a dormir. O rádio faz barulho de trovão, como se estivesse chovendo. Abro os olhos e lá fora a luz está apagando, mas não chove. Lembro da casca de árvore do meu irmão. Peço para ver. Ele diz para eu adivinhar onde está e fecha as duas mãos para eu escolher uma. Toco numa delas e ele abre, e a mão está vazia. Toco na outra e também está vazia. Fico chateada e volto a fechar os olhos.

Penso na casca de árvore. A árvore agora está raspada. Meu irmão tem um souvenir da árvore da estrada, de como a árvore é agora, no verão. Minha árvore favorita é o jacarandá lá de casa. Gosto do ipê por

causa das flores. O ombro da minha irmã continua ossudo, mesmo com o casaco. Abro os olhos. Não consigo dormir. O cheiro de pijama vem outra vez. Mas não é só do meu irmão. É o cheiro de todos nós quando ficamos um dia inteiro juntos num lugar fechado e tem uns restos de erva-mate no tapete embaixo da minha mãe e migalhas entre nós e também meu vômito sufocado pelo sândalo e também nosso nariz respirando e o calor. Esse calor. Mamãe ri de alguma coisa. Me inclino para baixar o pino da porta do meu pai. Ele sempre esquece de baixar o pino. Depois abro espaço para mim, entre minha irmã mais velha e a mais nova, e trato de me apoiar entre o banco do meu pai e da minha mãe, para escutar do que ela está rindo. Mas agora eles ficam quietos. Papai dirige em silêncio, mas faz umas caras, como se estivesse imaginando uma conversa. *Quero fazer xixi*, digo, e os dois suspiram.

Vacas. Postes. Carro branco com motorista sozinho. Carro vermelho com família. Caminhonete com dois homens. Caminhão com vacas. Rastro deixado por caminhão com vacas que urinam e defecam por causa do medo de viajarem apertadas a um destino incerto. Me tornei especialista em olhar pela janela daqui do meio. Meu irmão dorme de boca aberta. Eu digo *para que tanta briga se no fim ia acabar dormindo. Que perda de tempo*. Eu gosto de Hernandarias porque foi ele que trouxe o gado bovino pra cá. Gosto das vacas e dos olhos tristes que elas têm. Não queria ser bezerro porque, agora que sou humana, sei que o destino dos bezerros é triste. Eu saberia que logo vão matar minha mãe, que vão bater com uma marreta na cabeça dela e depois vão tirar o couro e cortar ela em tantos pedaços que nunca ninguém vai reconhecer que esses cascos foram da minha mãe, que esse focinho era dela. Eu não ia querer que me desmamassem e me deixassem num curral, mugindo sozinho a noite inteira. Mas eu gosto das vacas, é, gosto muito. Isso que elas têm, a submissão. Agora vejo uma vaca que me olha por trás da cerca de arame farpado e viro a

cabeça para continuar olhando para ela enquanto o carro se distancia, estamos nos distanciando e eu me despeço *tchau, vaca*, e ela fica me olhando por mais um instante, antes de correr assustada. Eu não estou fazendo nada para ela. Eu não fiz nada para ela. Só olhei. Por que a vaca correu se eu só estava olhando para ela? Gosto das vacas malhadas, mas também gosto das marrons. Proponho à minha irmã que conte as marrons. Eu vou contar as outras. Minha irmã diz *não vale porque quase não tem marrom*. Não dá para brincar de nada neste carro. Entardece e todos ficamos alaranjados aqui dentro, começando por minhas irmãs e pela minha mãe, que viajam à direita.

Mamãe anuncia que falta pouco para chegarmos. Obrigada, Deus, por nos fazer chegar bem, sãos e salvos. Deus, por favor faça com que a gente chegue bem, sãos e salvos. Não quero bater, não quero. Aproveito para te pedir que não apareçam mais pintas, por favor. Não quero mais ter a pinta na sola do pé. Fico com vergonha. Agora, quando estou tomando sol, sempre tapo um pé com o outro, porque não quero que, quando eu estiver deitada assim, vejam que tenho uma pinta na sola do pé. Acho que ela apareceu ano passado, num dia em que eu pisei no óleo na praia e com certeza não me lavei direito e ficou essa mancha horrível e agora a mancha está colada e já não há nada que eu possa fazer. Na minha cabeça, foi isso que aconteceu. Agora nunca vou poder ser modelo. Também, não me importa, porque no fundo eu nem queria ser modelo; se for para querer, vou querer ser missionária. Mas com essa mancha no pé esquerdo e a queimadura do escapamento no tornozelo, além das minhas orelhas e dos meus joelhos gordos, nunca vão me querer de modelo. Mas não me importa.

Anoitece. Meu pai tapa os próprios olhos com as costas da mão de vez em quando, só por um segundo, quando fica ofuscado. A todo momento ofuscam ele, tanto os que vêm por trás quanto os que vêm pela frente. Meu pai sussurra coisas, são xingamentos. Olho para ele, inquieta. *Deus, lembra do que eu te disse*. Papai está cansado. Ah, como é comprida essa viagem. Me inclino sobre o meu irmão e, sem perguntar se posso ou não posso, baixo um pouquinho o vidro da

janela, e um ar desliza para dentro, fazendo um barulho que é como se alguém estivesse assobiando uma nota estridente feito alma penada ou um vira-latas uivando ou um balão esvaziado de repente. Meu irmão me manda fechar o vidro. Eu digo *tá, mas é que com esse seu cheiro de pijama a gente precisa abrir alguma coisa*. Meu irmão me mostra o dedo. Chamo ele de *puto*. Quando brigamos com ele, sempre o chamamos de *puto*, mas aí ele fica tão bravo que dá medo. Ele belisca forte o meu braço, torcendo a minha pele. Chamo ele de *puto* de novo. *Vou te pegar*, ele me diz, e se joga pra cima de mim, e eu caio em cima da minha irmã mais nova. Ela grita. Minha mãe vira e diz *mas será possível, será possível, que falta de cooperação*. Ela bate nos joelhos da gente com a mão e eu começo a chorar, chorar aos gritos. Meu irmão olha pela janela e parece sofrer mais do que eu, mas não chora. Eu choro por mim e choro porque ele está sofrendo e olhando pela janela. Minha irmã mais velha está dormindo e não acordou em nenhum momento. Agora eu não ligo para o ombro ossudo dela. Quero dormir e acordar quando já estivermos lá, quando já tivermos chegado. Não gosto mais dessa viagem. Queria que já tivesse acabado. Meu pai assobia uma melodia mais bonita que o barulho do vento entrando pela fresta da janela. Tento imitar ele, mas não sei assobiar, e além do mais ainda estou com o nariz entupido por ter chorado. Durmo tentando assobiar.

Sonho que estou montada numa vaca que me leva direto até o Amazonas. No Amazonas, fico amiga de uma cobra e ela me leva até uma árvore que tem uma caverna. Dentro da caverna está a Luisita, minha vizinha, que sempre toca a campainha me chamando para brincar e eu nunca quero. *Não quero que a Luisita esteja na minha caverna*, digo para a cobra, mas a cobra sumiu. Minha vaca pasta na Amazônia. A Luisita me olha com cara de quem quer brincar, e desta vez eu digo que sim, que aceito.

Quando acordo minha irmã mais velha está sentada onde meu irmão estava, e meu irmão ocupa o outro lugar na janela. Parece que meu pai ordenou que eu e meu irmão nos separássemos, porque estávamos insuportáveis. Minha irmã mais velha canta uma música que tem Acapulco na letra e é em italiano. Meu irmão pergunta o que ela prefere: ir até Acapulco e tomar uma água de coco que te faz ser imortal ou ir até Honolulu e, num mergulho no fundo do mar, encontrar Atlântida, a Cidade Perdida dos Mares. Ela fica em silêncio, na dúvida. Todos nós ficamos na dúvida. Minha irmã mais nova quer ser imortal, e nós três preferimos encontrar Atlântida, a Cidade Perdida dos Mares. Meu irmão diz que prefere ter o poder de respirar debaixo d'água a encontrar Atlântida. Talvez ele tenha razão. Meus pais não respondem. Nunca mergulhei no fundo do mar, na verdade. Mas penso muito nessa cidade que ficou submersa porque os mares a cobriram para sempre. Penso nos afogados, nas bolhas que eles respiraram antes de morrer; me pergunto como deve soar essa cidade debaixo d'água, e só de pensar me dá medo. Quando vamos à praia no verão gosto de tomar o primeiro banho de mar e o último banho de mar com muito cuidado e atenção. Amanhã, se não chover, e também se chover, vamos todos à praia, e então vou me aproximar da beira e entrar devagarinho. Sei que o frio da água vai doer, mas não importa. Adoro entrar na água do mar pela primeira vez depois de muito tempo. Faz um ano desde a outra vez, e daquela vez fazia um ano desde a vez anterior. Entro na água e caminho como se não estivesse pisando no fundo. Às vezes vejo os dedos dos meus pés, mas isso não acontece sempre. Avanço na água e a pele dos meus braços fica arrepiada com o frio. Depois só preciso dar impulso e mergulhar com tudo, soltar bolhas pelo nariz e abrir os olhos debaixo d'água, olhando para o céu. Olho para o céu por debaixo d'água e então fico curada de tudo. É o máximo da saúde olhar para cima debaixo d'água. Quando eu me levanto, fico com um gosto salgado na boca e nos meus ombros e daí eu lambo os meus ombros para ficar com mais sal na boca, porque eu gosto. Depois fico boiando por um bom tempo, e às vezes

brincamos de pular ondas altas ou, se meu pai entra na água, vou bem até o fundo. Quando meu pai entra na água é muito melhor, porque posso ir bem até o fundo e a água chega até o meu queixo e tudo fica muito mais interessante.

Depois, ao sair, eu e minha irmã mais nova fazemos bolinhos de areia. Pegamos sacolas de náilon e botamos areia dentro e depois amassamos a areia dentro das sacolas, dando a forma de comida ou de bifés à milanesa. Enquanto amassamos, falamos coisas do tipo *bom dia, senhora, como vai?, hoje vamos ensinar os telespectadores a fazer uns deliciosos bifés à milanesa*. Enquanto isso, fungamos o catarro que às vezes escorre porque ficamos muito tempo na água. À noite as costas ardem porque estamos muito queimadas. Eu e minha irmã mais nova dormimos juntas, ou às vezes os quatro juntos num quarto, ou às vezes as três moças de um lado e o rapaz do outro. Depende da casa e do ano e do trabalho e da safra. Quando posso escolher, gosto da cama que dá para fora, a que estiver perto de uma janela. A casa de amanhã tem dois quartos para nós quatro, mas um deles é minúsculo, e meu irmão vai dormir sozinho nesse. Tenho que convencer as minhas irmãs a me deixarem ficar com a cama que eu quero. Não vai ser fácil.

Outra coisa que gosto de fazer é cavar poços fundíssimos, o máximo que der, e fazer uma montanha com a areia que tiro do poço, até começar a encontrar a areia mais molhada, barro, e então vou fazendo na ponta da montanha uma ponta de barro que parece uma calda de chocolate que endurece, ou seja, o contrário do que acontece quando se está tomando um sorvete, que sempre escorre, não importa se você tem cuidado ou não. Na praia, gosto também quando papai e mamãe usam óculos escuros e gosto do cheiro de coco do bronzeador da minha irmã. Meu irmão encontra com nosso primo e os dois logo começam a fazer alguma coisa, como por exemplo: nadar, brincar com a prancha de espuma, lanchar de cócoras, jogar frescobol o tempo todo. O rádio sempre fica ligado de tarde.

Os grandes entram menos vezes no mar. Minha mãe só se molha no raso. Pega água com as mãos em forma de concha e depois joga no

rosto e no colo. Gosto de vê-la fazendo isso, se molhar desse jeito. Ela não sabe nadar e se assusta com as ondas, mas vai com meu pai, se ele também quiser entrar na água. Meu pai entra ajeitando o short. Ele tem pernas muito bonitas, panturrilhas em curva para cima e uma barriga que balança suavemente sobre a água enquanto ele avança. Depois mergulha com tudo. Sempre faz isso de supetão, como se tivesse escorregado e caído dentro d'água, como se alguém tivesse puxado ele pelo pé, com muita força, para baixo. Depois pula num pé só e sacode a cabeça e pula no outro pé e sacode a cabeça para não entrar água nos ouvidos, parece um cachorrinho tremendo. Saem e ficam um pouco sentados no sol e minha mãe logo põe o chapéu que tem uma fita em volta e é de palha e depois passa cremes, porque não gosta de queimar o rosto. A pele dela é muito suave e sem rugas. Vira e mexe chamam ela para participar de demonstrações de cremes para o rosto, como modelo de rosto. Ela é modelo de rosto em demonstrações de creme para o rosto. Ela fica sentada e as pessoas observam enquanto passam cremes de beleza nela, e depois maquiagem. Depois, quando volta para casa, está toda pintada e com o cabelo ondulado e com o perfume do fixador, que vem num tubo lindo, um cilindro dourado, estampado com o cabelo de alguém de perfil. Cozinha ou prepara suas aulas com os lábios vermelhos e os cílios abertos, que fazem com que os olhos dela, que são cinza e verdes ao mesmo tempo, fiquem com uma expressão de surpresa. Daí, quando vamos comer, já saiu tudo, menos o perfume.

Já passamos por esse mesmo lugar nos outros anos, eu me lembro. A estrada se alarga e atrás dos postes aparecem placas com propaganda, e atrás das placas surgem os montes. Vejo os montes que nem sombras, porque é de noite e eles estão longe, embora não pareça tanto. Percebo o engano e protesto: *mas não estamos quase chegando, ainda estamos passando pelos montes*. Ninguém responde, continuam escutando o rádio. O locutor da voz grave me dá dor de barriga. Fico

com medo do jeito que ele fala; fala de tarifas. Penso nos tarifas: uma tribo de aborígenes tarifas desce correndo a encosta de um monte parecido com esses das silhuetas escuras na estrada. Os tarifas descem correndo, batendo com a mão na boca e gritando que nem selvagens. Meu irmão atira uma flecha no chefe dos tarifas e acerta na testa dele. Ele cai com os olhos vazios. Eu subo num galho alto de uma árvore do vale e vejo os tarifas avançando como formigas que avançam em multidão. São formigas, de repente. Não me assusto. Tensiono o arco e a flecha dispara e atravessa a garganta de uma tarifa horripilante. É a esposa do chefe. Me vanglorio. Estamos conseguindo nos defender.

O anel de coco me incomoda. Na verdade não sei direito o que quer dizer enigma. Eu digo enigma quando quero dizer mistério, e assim uso duas palavras para dizer a mesma coisa, para variar um pouco. Acabo de aprender a falar enigma direito. Antes dizia *eninga*, e me parecia muito natural que um enigma fosse um *eninga*. Falo de novo, com voz de cansada, *mas não estamos quase chegando*, e quando estou para dizer *ainda estamos nos montes* mamãe me olha com cara de desgosto, e então eu me calo e começo a lamber o anel. Minha irmã mais velha está acordada; pergunto baixinho se neste ano ela vai usar biquíni ou maiô. Ela me diz biquíni. Pergunto se vai usar aquele lilás que nossa tia deu pra ela de presente de aniversário e ela me diz que sim. *Ficou lindo em você*, digo. O biquíni ficou lindo nela. A parte de baixo pode ser uma tanga ou aquela mais larga. Acho que minha irmã vai usar a grandona, porque não sei se nossos pais vão deixar ela usar a tanga. Eu tenho um maiô azul-celeste e verde com uns babadinhos nas pernas. Não gosto nem um pouco, mas neste ano eu não comprei outro maiô porque estamos economizando em algumas coisas, e uma delas é o maiô. Estou feliz é com as minhas sandálias de plástico, mesmo que façam meus pés suar. Agora estou descalça. Estamos todos descalços, menos papai e mamãe. Olho pela janela, me

inclinando sobre a minha irmã para ver melhor, e noto que os montes foram embora. Ela percebe que estou com vontade de ficar olhando, e me diz *se quiser, troco com você*. Fico muito feliz e digo que sim. Daí passo por cima dela e me sento do lado da janela. Ah, que prazer.

Canto mentalmente e com os olhos fechados. Não canto com a boca, dizendo as palavras *canto ao Senhor porque ele é grande*. Canto com a boca fechada, apenas em pensamento, e só faço um *mmmmmmmm* musical, uma melodia. É uma canção que já conheço, uma música de uma novela chamada *Ligia Elena*. A letra diz assim: *começo a te pintar e não consigo... depois de te estudar, lentamente termino... pensando... que faltam... em minha paleta... cores bem fortes que reflitam sua rara... beleza...* E continua. É sobre Ligia Elena, uma moça com o cabelo todo frisado, como se sempre tivesse acabado de soltar as tranças. Ela tem um pretendente chamado Jorge Alfredo que é pintor, e é quem canta para ela essa tal música do começo a te pintar. Começo a sussurrar, que é outra nova palavra que aprendi a falar direito recentemente, porque antes falava *surrassar*, e de repente deixo a letra de lado e começo a cantar outra coisa, que vou inventando à medida que canto. Canto *Rolando vai rodando, rodando Rolando vai, Rolando vai rodando pelas ruas da cidade* e daí continuo inventando *outro dia sua namorada um encontro quis marcar, para lhe dizer-dizer-dizer que não o aguenta mais*. Minha mãe interrompe minha música mental ao nos dizer: *agora realmente estamos quase chegando, mas vamos parar um pouquinho, assim o papai estica as pernas e a gente come uma medialuna*. Abro os olhos e vejo que chegamos em outra cidade e já sei onde estamos: estamos num lugar onde sempre passamos quando estamos quase chegando. Antes de abrir a porta, termino a estrofe da música, que continua assim *Rolando vai chorando, chorando Rolando vai, Rolando vai chorando para a cidade de Pando*. Quando desço do carro, pergunto ao meu pai onde é Pando, porque não sei de onde tirei essa palavra. Ele me diz que é uma cidade industrial, perto da capital, e logo imagino

uma enorme quantidade de chaminés, que nem na Inglaterra. Coitado do Oliver Twist, que teve de respirar tanta fuligem sofrendo nas mãos dos canalhas e aproveitadores. No bar, pedimos *medialunas*, três cocolas para dividir e um café para o papai. Sentamos numa mesa perto da janela e comemos e bebemos e oferecemos as bebidas uns aos outros. Depois vamos ao banheiro em turnos. Mamãe volta e me avisa que é melhor levar guardanapos, porque lá acabou o papel. Pego um monte de guardanapos e entro no banheiro. Agacho no vaso mas não sento, para não me contaminar com hepatite, e faço um esforço para que o jato não saia torto; por sorte sai na direção certa e não acontece nenhum desastre. Depois lavo as mãos com um sabonete em forma de ovo que está aparafusado numa espécie de cabideiro de sabonetes. A porta se abre e entra minha irmã mais nova. Reclamo, *não se entra no banheiro sem bater*, e ela me diz, com cara de sono e afastando o cabelo do rosto, que se sou eu que estou dentro ela pode entrar, porque somos irmãs. Acho que ela tem razão e não digo nada. Fico esperando e seguro os guardanapos para ela, e depois entrego para ela. Saímos juntas, felizes. Papai já está de pé, nunca quer demorar muito quando paramos para coisas assim. Saímos apressados do bar e quando entramos no carro volto para o meio, porque minha irmã tinha me feito um favor, mas ainda não é a minha vez na janela. Quando for a minha vez, já estaremos quase chegando na casa. Parece que ela fica a cinco quarteirões da praia. Parece que tem churrasqueira e hortênsias na entrada. O cheiro de lugar fechado me sufoca e de novo eu penso em vomitar. Tento esquecer a *medialuna* e começo a pensar no Rolando da música que eu inventei. Lembro do Rolando caminhando pelas ruas de Pando e, para esquecer do enjoo, me esforço para pensar como a música continuaria. *Em Pando conhece um padre, que lhe diz: ela virá.* Começo a pensar num padre dizendo para o Rolando *ela virá*, e acho que a música que estou fazendo é horrível e então me lembro que estou quase com vontade de vomitar outra vez. É estranho eu ficar com vontade de vomitar agora, porque já vomitei hoje mais cedo e isso

nunca acontece duas vezes numa viagem. Peço para minha irmã mais nova abrir um pouco a janela.

Continuo no meio. O que é bom dura pouco, penso. *O que é bom dura pouco*, digo em voz alta, e minha mãe sorri. Minha irmã atende o meu pedido e agora entra um ar, mas volta o assobio. Olho pela janela, inclinada sobre ela. Agora está tudo escuro. Vejo os postes depois que passamos por eles, porque estamos indo rápido e não dá tempo de vê-los antes. Aparece uma placa e é o quilômetro duzentos e setenta e quatro, mas deve fazer uns oitocentos que estamos no carro. Acho que estamos quase chegando. Papai faz as curvas, e também faz a mudança de farol alto para baixo e de baixo para alto, para não ofuscar ninguém. No rádio, uma mulher canta em francês. Minha irmã mais velha diz para eu ir colocando os sapatos porque falta pouco. Pergunto a meu pai se esse ar que está entrando pela janela aqui já tem iodo e ele me diz que sim. Quando chegamos no balneário, papai sempre nos diz *inspirem, inspirem o iodo, que faz bem*. Inspiro com força para que o iodo entre no meu corpo, porque o iodo faz bem, e se uma pessoa tem iodo, não terá doenças como por exemplo o bócio, mas sinto de novo o cheiro de lugar fechado de nós todos juntos e dos nossos hálitos somados e multiplicados e dos nossos pés e da roupa enrugada e da espera. Acho que também sobrou um pouco de gosto de empanada no ar.

Coloco as minhas sandálias de plástico vermelhas e digo para minha irmã mais nova que ela também precisa se calçar e ela calça seus tênis azul-celeste. De repente, nestas férias eu arrumo um namorado, penso. O José Enrique que se dane, ele nunca me deu bola. Só um dia resolveu me chamar para falar a sós e na saída fui no canto onde ele guarda a bicicleta e daí ele me disse secretamente que era do mesmo partido dos meus pais. Lembro que olhei pra ele e só via os dentes tortos, e pensava *por que fui gostar logo do José Enrique que só fala desse tipo de coisa comigo e nunca me dá bola*. Pegou a bicicleta

depois de falar comigo, levantou com força e a segurou acima dos ombros para descer as escadas e ir embora. Sentei num degrau e esperei meu irmão sair para voltar a pé para casa, com ele e os amigos. Eles iam na frente e eu uns passos atrás, carregando uma mochila enorme, cheia de cadernos. Esteban Venturini era o primeiro a se despedir do resto dos meninos (mas me ignorava; seus olhos resvalavam no meu rosto e sempre logo viravam para outro lado). Morava perto da escola. Ia embora sem se despedir. Ele tem o cabelo mais escuro, a cara mais branca e a língua mais vermelha que eu já vi na vida; lambe demais os próprios lábios, não consigo entender por que faz isso. A boca dele parece um peixe vermelho e molhado de saliva. Eu não via muito seu rosto porque ele sempre caminhava na frente, com uma calça que estava curta para ele. Mas às vezes eu o via de lado e olhava, assustada, sua pele branca; deve ser horrível ser branco que nem ele, eu pensava. Não quero um namorado assim. José Enrique é mais moreno, mas não me dá bola, e além de tudo tem aquilo dos dentes. Eu quero um namorado de cabelo cacheado e que adore nadar no mar e que tenha os lábios rachados por causa do sol. Queria que ele tivesse ombros ossudos e uma clavícula transparente, quase à vista como a minha, que praticamente pudesse servir para guardar sementes (umas sementes equilibristas) nas cavidades que em mim vão até o começo da traqueia. E mãos grandes e misteriosas. Se souber tocar violão, melhor ainda. Se não se importar que o pulôver esteja com bolinhas e continuar usando ele apesar de velho, muito, mas muito melhor. Se usar cotoveleiras nos cotovelos, muito, mas muito, mas muito melhor. Se para me beijar ele segurar a minha cabeça com as mãos naquele lugar onde terminam a mandíbula, a bolinha da orelha e o pescoço, que incrível. Se gostar de missionários, irmãos, da palavra esporádico, de vacas com olhar triste, cheiro de sândalo, números perfeitos, *Caninos brancos*, da palavra crepúsculo, dos montes Apalaches, dos confins, de vaga-lumes, feijoada, do outono, do vento do Sul, de arroz com espinafre e ovo frito, mechas de

cabelo ruivo, Tom Sawyer, árvores idosas, cachorros dormindo, do som de pandeiro, eu caso.

Meu irmão baixa o vidro da janela dele e um vento entra com um som estridente, e fico com vontade de chorar. Esse som é algo realmente triste. Imito a lamúria do vento falando desse jeito agudo, mas baixinho. Minha irmã menor me pergunta por que estou falando assim e digo que sou uma bruxa que passeia feito uma alma penada procurando seus filhos, os feiticeiros da baía dos Ossos. Ela me diz: *ah*, como se o que eu disse fosse muito normal e corriqueiro. Passo por cima da minha irmã, incomodando e pisando nela, para chegar na janela. Já devíamos ter trocado quatro quilômetros atrás e eu esqueci. Agora dá no mesmo: a justiça e a injustiça são a mesma coisa. Estamos cansados. O iodo desliza para dentro pela fresta. Não sinto o cheiro, mas sei que está presente, curando nossos pulmões e nosso rosto. Minha irmã mais velha grita *oba!*, e olho pensando que o morto estará se levantando para cumprimentar todas as testemunhas do instante de sua ressurreição. Não é o morto que se levanta, mas a fosforescência de uma placa que anuncia a chegada, à nossa frente, ao lado, lá trás. Penso em me inclinar e com as minhas mãos tapar os olhos do meu pai. Isso com certeza seria homicida. Fico horrorizada com meus pensamentos. Perdão.

[*] Trecho de uma canção infantil que ganhou uma versão de protesto nas manifestações contra a ditadura militar no Uruguai (1973-85). A versão diz: *En el bosque de la China / Un milico se perdió / Ojalá se pierdan todos / La puta que los parió.*
[N. E.]

INÉS BORTAGARA nasceu em Salto, Uruguai, em 1975. Estreou na literatura com o livro de contos *Ahora tendré que matarte* (2001). Inés também é roteirista de cinema. *Um, dois e já* é seu primeiro livro publicado no Brasil.

© Cosac Naify, 2014

© Inés Bortagaray, 2010

Imagem de capa: Blanca Viñas, fotografia analógica, 2013.

Coordenação editorial HELOISA JAHN e LIVIA DEORSOLA

Preparação PAULO WERNECK

Revisão CRISTINA YAMAZAKI e RAFAELA BIFF CERA

Projeto gráfico original ELAINE RAMOS e GABRIELA CASTRO

Composição MÁRIO FERRAZ

Adaptação e coordenação digital ANTONIO HERMIDA

Produção de ePub JOANA DE CONTI

1ª edição eletrônica, 2014

A epígrafe que abre o livro é trecho da tradução de Modesto Carone de *Um médico rural* (Franz Kafka), edição da Companhia das Letras, 1999.

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bortagaray, Inés [1975-]

Um, dois e já: Inés Bortagaray

Título original: *Prontos, listos, ya*

Tradução: Miguel Del Castillo

São Paulo: Cosac Naify, 2014

ISBN 978-85-405-0806-4

1. Novelas uruguaias
 2. Literatura latino-americana
- I. Del Castillo, Miguel.
 - II. Título.

Índices para catálogo sistemático:

1. Novelas uruguaias: 863.899
-
-

COSAC NAIFY

rua General Jardim, 770, 2° andar

01223-010 São Paulo SP

cosacnaify.com.br [11] 3218 1444

atendimento ao professor [11] 3823 6560

professor@cosacnaify.com.br



Este e-book foi projetado e desenvolvido em maio de 2014, com base na 1ª edição impressa, de 2014.

FONTES Farnham e Pluto

SOFTWARE LibreOffice e Writer2ePub de Luca Calcinai